

De onde vem a nossa alma?

David Cohen

Em uma mistura de ensaio e ficção, Eduardo Giannetti relata os avanços da ciência para explicar nossa consciência e o dilema filosófico que eles trazem



ESPECULAÇÃO

O economista e escritor Eduardo Giannetti, em sua casa em São Paulo. Seu livro investiga a relação entre cérebro e mente

Um professor de literatura especializado em Machado de Assis sofre de esquecimentos, dores de cabeça, sensações de calor repentinas e, após alguns exames, descobre que tem um tumor no cérebro. A cirurgia transcorre bem, com apenas uma seqüela: ele fica surdo de um ouvido. A partir daí, sua vida muda. Aposentado precocemente, o professor se torna um recluso obcecado por desvendar os segredos da relação entre o cérebro e a mente. Seria a consciência apenas o produto de reações químicas no cérebro? Livre do tumor físico, ele passa a crer que sofre de um tumor da alma, uma crença que ameaça seu senso de identidade e propósito. Com essa trama ficcional, o economista Eduardo Giannetti criou *A ilusão da alma – Biografia de uma ideia fixa* (Companhia das Letras), em que destila sua erudição, como fez em livros como *Autoengano* e *O mercado das crenças*. Desta vez, é uma erudição a serviço de explicar uma angústia existencial. Se não controlamos nossos pensamentos, o que somos?

Trecho - *A ilusão da alma*, capítulo 35

Do relâmpago ao voo da libélula, tudo o que acontece no mundo físico é passível de explicação mediante a explicitação de leis e princípios físicos. O conhecimento científico da natureza mostrou que não é necessário recorrer a nenhuma variável extrafísica como espíritos, forças ocultas, vontades, entes psíquicos, demônios ou intervenções do além para compreender os fenômenos do mundo natural. O mundo físico é autossuficiente, ou seja, ele abriga no interior de si tudo aquilo que é necessário e suficiente para entender e explicar o que sucede nele. // *mondo va da se.*

Pois bem: é difícil conceber, para dizer o mínimo, que o ser humano de carne e osso, fruto da união de dois gametas, não pertença integralmente a este mundo. A natureza não dá saltos. Mas, se tudo o que tem lugar no mundo físico, do qual nosso organismo é parte e onde nossa

vida transcorre, pode ser plenamente entendido e explicado mediante variáveis físicas, então por que seria diferente conosco?

O cérebro humano é um órgão de extraordinária complexidade o mais intrincado e intrigante de que se tem registro –, no entanto isso não faz dele uma milagrosa “caixa-preta”: um órgão extranatural, regido por princípios estranhos a tudo que sabemos sobre o mundo, e que teria de algum modo ficado isento das leis naturais de causa e efeito ou das relações de tempo e espaço que se verificam no resto da natureza.

Mas se os nossos corpos e organismos (cérebro incluso) são entes físicos que nascem, crescem e se movimentam no espaço físico, como acontece com todo ser vivo do planeta, então não é necessário recorrer a nenhuma variável extrafísica, como nossos pensamentos, desejos e vontade consciente, para dar conta da nossa existência e ações no mundo.

Daí que o entendimento estritamente científico do *Homo sapiens*, pautado pela busca de resultados claros, inteligíveis e sujeitos à aferição pública, exclua o recurso a estados mentais de qualquer natureza quando o que está em jogo é a elucidação do que nos faz ser como somos e agir como agimos. A neurociência não foge à regra. Como relata Roger Sperry, falando aqui em nome dos seus colegas de profissão, “a convicção da maioria dos estudiosos do cérebro – cerca de 99,9% de nós, segundo creio – é que forças mentais conscientes podem seguramente ser desconsideradas no que diz respeito ao estudo científico objetivo do cérebro”.

Note bem. Em nenhum momento se nega a realidade da consciência ou dos eventos mentais: o que se descarta é sua utilização como princípios válidos de explicação. Em nenhum momento se subestimam as lacunas que ainda persistem no estudo científico da relação mente-cérebro. Quem quer que procure inteirar-se dos resultados alcançados há de concordar com o bioquímico americano Julius Axelrod quando ele afirma que “a linguagem eletroquímica do cérebro é tão rica e sutil como a de Shakespeare – e estamos apenas começando a aprender o nosso abc”.

Existe um hiato inexplicado, seria descabido negar, entre a alma vista de fora para dentro (os fenômenos fisiológicos do cérebro), de um lado, e a alma vista de dentro para fora (os fenômenos subjetivos na mente), de outro. A descoberta da chave que decifra esse hieróglifo e franqueia a exata tradução do código de uma alma no alfabeto da outra é o santo graal da neurociência.

Seja qual for a resposta, porém, a questão crucial permanece: qual é a direção de causalidade entre o universo mental e a neurofisiologia do cérebro? A cada uma de nossas experiências mentais, conscientes ou não, corresponde uma configuração definida e particular do cérebro. Quem pilota quem? Existe, afinal, “um piloto”?

Que alterações da anatomia e da química cerebrais afetam os nossos estados de consciência é algo por demais evidente: ninguém precisa extirpar o hipocampo ou tomar LSD para constatar isso, basta um cafezinho ou um analgésico.

E na direção contrária? Como seria partir de um estado mental – uma sensação subjetiva como, por exemplo, “estou com fome” para daí entender como isso afeta o cérebro e as ações decorrentes? Como um evento mental algo de que me torno ciente ao pensar no que me vai pela consciência poderia direcionar ou afetar objetivamente a atividade dos neurônios, as sinapses e os fluxos eletroquímicos observáveis e passíveis de mensuração em meu cérebro?

Procure imaginar. Primeiro, como surgiu a sensação? Obviamente, não veio do nada; o mais provável é que a fome subjetiva reflita uma condição de carência do tecido celular que se fez transmitir ao sistema nervoso e por fim subiu a rampa da consciência (“tenho fome”). E depois? A sensação de fome seguem-se, na ordem natural das coisas, outro estado mental, que é a intenção de comer (“preciso almoçar”), e a ação prática da natureza esfaimada a caminho de uma bem-vinda repleção (o almoço). O que estaria se passando aqui?

Um mentalista dirá: os eventos mentais, neste caso a sensação de fome e a intenção de comer, produzirão de cima para baixo os processos fisiológicos do cérebro e ordenarão ao córtex motor que acione os músculos voluntários do corpo visando agir e saciar a fome.

Repare: o que se tem aqui são entes psíquicos imateriais sacudindo neurônios e disparando sinapses para cá e para lá, em inescrutável balé, até que o disparo dos pulsos eletroquímicos agite as fibras nervosas ramificadas pelo corpo e anime os músculos a dançar. Coreografia de rara e inefável sutileza.

Por mais boa vontade que se tenha, a noção de que algo semelhante possa estar de fato acontecendo chega a ser tão obscura e alheia a tudo que se conhece sobre as leis naturais que regem o mundo, além de exigir um contorcionismo intelectual de tal monta daqueles que se dispõem a concebê-la, que o único remédio é recorrer à máxima de Tertuliano, teólogo e Pai da Igreja, diante dos mistérios da fé: *Credo quia absurdum est* ("Creio porque é absurdo"). Não deve andar longe o tempo em que o credo mentalista será visto como o criacionismo é encarado hoje em dia.

Um fisicalista, diante do mesmo desafio, dirá: apesar de vedado à nossa introspecção (tal como ocorre, aliás, com o funcionamento do aparelho digestivo), tudo o que nos vai pela mente a cornucópia da vida subjetiva tem causas objetivas concretas e resulta de processos neurofisiológicos passíveis de observação e análise.

Nossos estados subjetivos coexistem com as mudanças objetivas no cérebro, mas isso não implica que possuam um real papel na sua explicação. É ilusão tomar como causa aquilo que sobe à consciência como um ato de vontade, fruto da intenção de agir. A experiência subjetiva é o sopro derradeiro na cadeia de eventos neurais que a precede, como o rumor produzido pelo ruflar de uma revoada de pássaros – o farfalho é o reverberar do voo. Os eventos mentais que embalam a nossa vida consciente e inconsciente (como os sonhos, por exemplo) são efeitos a serem explicados, porém desprovidos de eficácia causal.

Um estado mental ("preciso almoçar") nunca é realmente produzido por outro estado mental ("estou com fome"); todos são produzidos por estados do cérebro. Quando um pensamento parece suscitar outro por associação, não é na verdade um pensamento que puxa ou atrai outro pensamento – a associação não se dá entre os dois pensamentos, mas sim entre os dois estados do cérebro ou dos nervos subjacentes a esses pensamentos.

Um desses estados do cérebro gera o outro, fazendo-se acompanhar, em sua passagem, do estado mental particular que ele produz. A execução do ato pelos músculos do corpo ("garfo à boca") e a digestão regida pelo hipotálamo coroam o processo. O intermediário mental, em suma, é um redundante fenômeno de superfície epifenômeno em relação ao funcionamento do organismo físico.

O quebra-cabeça da relação mente-cérebro não está completo há peças importantes faltando. Mas o contorno geral da figura que se desenha e o teor das descobertas que vêm se multiplicando, em especial nos últimos 20 anos, deixam pouca margem à dúvida. Todas as flechas da pesquisa científica voam afinadas para o mesmo alvo.

Quanto mais se aprofunda o conhecimento dos segredos da "caixa-preta", mais incontornável se torna a "hipótese espantosa" (Francis Crick) e mais se confirma a conclusão desconcertante de que os nossos estados mentais estão para o nosso cérebro assim como o apitar de uma panela de pressão está para o seu mecanismo de funcionamento. Ao contrário do que a nossa psicologia intuitiva nos acostumou a pensar, não é o apito que faz a água ferver; mas é porque ela ferve que o apito começa a tocar, como vai mostrando de maneira cada vez mais precisa e detalhada a pesquisa em neurociência e áreas afins.

A experiência mental que nos absorve e embala desde que nos tomamos por gente não passa, portanto, de um subproduto caprichoso e intrigante de processos físicos daí o termo fisicalismo em vez do tradicional, porém inexato, materialismo que ocorrem de modo autônomo e autossuficiente no organismo; um subproduto dotado de inesgotável riqueza e

fascínio, é inegável, mas inteiramente inócuo e desprovido de poder causal sobre o mundo físico objetivo a que pertence.

O cérebro humano é um órgão que responde sozinho por todas as nossas ações; por todas as nossas crenças e sentimentos mais íntimos; por tudo que acreditamos. É ele que nos faz escolher uma profissão e nos faz sentir mais atraídos ou menos atraídos por alguém; é ele que nos leva a agir ou não de acordo com as normas de convivência vigentes; é ele que responde pelas nossas ideias políticas e religiosas. Embora tenhamos uma sensação de controle sobre o nosso pensamento e nossas ações, essa sensação não passa, também ela, de um subproduto do nosso cérebro; ela é uma ilusão remanescente do ambiente arcaico no qual prevalecia a crença de que tudo que se mexe na natureza tem alma.

O fisicalismo subverte a nossa psicologia intuitiva e lança uma luz perturbadora sobre tudo que nela repousa. Não foi à toa que La Mettrie, médico e filósofo, autor de *L'homme machine*, o grande e corajoso manifesto fisicalista do século XVIII, alcançou o feito inusitado de unir contra ele todas as religiões da Europa, mesmo as que viviam em guerra entre si. É sintomático que nem o intrépido Diderot, *ghost-writer* de diversas passagens do *Système de la nature* do barão D'Holbach "a bíblia dos ateus", como foi chamada, mas na verdade um compêndio prolixo e burocrático da obra-prima de La Mettrie, ousasse referir-se abertamente a ele, não obstante a clara influência, temeroso da onda de censura e perseguição que a simples menção do seu nome desencadearia.

A ideia é tremenda, mas basta um silogismo para resumi-la. As leis e regularidades que regem o mundo são independentes da minha vontade (premissa maior); a minha vontade é fruto das mesmas leis e regularidades que regem o mundo (premissa menor); logo, a minha vontade é independente da minha vontade (conclusão). Se as premissas são verdadeiras, então a conclusão é incoercível.

Fonte: Época, 2 ago. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acesso em: 4 ago. 2010.

A utilização deste artigo é exclusiva